

XXV

Colóquio de Outono

XXV Autumn Colloquium



Homenagem a Vítor Aguiar e Silva

In honour of Vítor Aguiar e Silva

23 - 25 NOV 2023





XXV Colóquio de Outono

XXV Autumn Colloquium

Em homenagem a Vítor Aguiar e Silva

In honour of Vítor Aguiar e Silva

Livro de Resumos





XXV Colóquio de Outono

XXV Autumn Colloquium

Em homenagem a Vítor Aguiar e Silva

In honour of Vítor Aguiar e Silva

Comissão Organizadora:

Ana Ribeiro
Carlos Mendes de Sousa
Isabel Cristina Mateus
Micaela Ramon
Sérgio Sousa

Equipa de apoio à organização:

Adelina Gomes
Ana Cristina Silva
Ana Maria Pereira
João Paulo Rocha

Universidade do Minho – Campus de Gualtar – Braga

23-25 de novembro de 2023

Organização

Grupo de Investigação em Poéticas de Língua Portuguesa - PLP

Com o apoio de:



Universidade do Minho
Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas



Nota de Apresentação

Decorrido mais de um ano sobre o desaparecimento do Prof. Vítor Aguiar e Silva, o Centro de Estudos Humanísticos (UM) presta homenagem ao seu fundador e criador dos Colóquios de Outono que este ano celebram a sua XXVª edição.

A homenagem estende-se à Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas da qual o Prof. Vítor Aguiar e Silva foi presidente e, durante décadas, um dos mais prestigiados docentes, nacional e internacionalmente reconhecido. Neste sentido, e num gesto simbólico, a ELACH entendeu associar a XXVª edição do Colóquio de Outono ao programa das Escolas no âmbito das Comemorações dos 50 anos da Universidade do Minho, instituição que o Professor ajudou a fundar e de que foi vice-reitor de 1990 a 2002.

De forma a dar corpo a uma homenagem que, além do tributo afetivo e mensagem de gratidão de todos os que tiveram o privilégio de com ele aprender, conviver ou trabalhar, constitua um momento simbólico de reconhecimento do saber humanista, do legado académico e da ética que o homenageado representa, a Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas, o Centro de Estudos Humanísticos e o grupo de investigação Poéticas em Língua Portuguesa conjugaram esforços na organização do programa deste Colóquio de Outono.

O XXV Colóquio de Outono: Homenagem a Vítor Aguiar e Silva conta com a participação de reconhecidos especialistas, nacionais e internacionais, nas diversas áreas de investigação em que o Professor se notabilizou. Entre 23 e 25 de novembro de 2023, o diálogo com a obra de Vítor Aguiar e Silva e os caminhos de futuro nas áreas da Teoria da Literatura, dos Estudos Camonianos ou do(s) Modernismo(s), sem esquecer o ensino da literatura ou das políticas da língua portuguesa, estarão no centro da reflexão académica. O XXV Colóquio de Outono integra ainda a apresentação do livro Sena Hoje, volume resultante do Colóquio de Outono dedicado a Jorge de Sena, em 2019, que acolhe o texto da última conferência proferida pelo Prof Aguiar e Silva sobre o poeta a quem dedicou estudos de referência, além dos testemunhos dos dois vencedores do Prémio Vida Literária Vítor Aguiar e Silva (iniciativa conjunta da Associação Portuguesa de Escritores e da Câmara Municipal de Braga).

Na manhã do dia 25 de novembro, e ainda no âmbito do XXV Colóquio de Outono, terá lugar a cerimónia de entrega do Prémio Camões atribuído, em 2020, ao Prof. Vítor Aguiar e Silva, que contará com a presença do Ministro da Cultura. Um momento alto desta homenagem para o qual contamos com a presença de toda a Academia.



Centro de Estudos Humanísticos
da Universidade do Minho

CEHUM – Centro de Estudos Humanísticos

Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas (ELACH)

Universidade do Minho

Campus de Gualtar

4710 – 057 Braga Portugal

Tel.: +351 253 604 185

E-mail: ceh@elach.uminho.pt

Website: <http://cehum.elach.uminho.pt>



XXV Colóquio de Outono

XXV Autumn Colloquium

Em homenagem a Vítor Aguiar e Silva

In honour of Vítor Aguiar e Silva

Universidade do Minho – Campus de Gualtar – Braga

23-25 de novembro de 2023

23 de novembro (quinta-feira) / 23rd November (Thursday)

Anfiteatro A1 – Edifício 1

Sessão de Abertura / Opening Session

João Rosas - Presidente da ELACH

Vítor Moura - Diretor do CEHUM

9h00

Ricardo Rio - Presidente da Câmara de Braga

José Teixeira - Presidente da DST

Isabel Cristina Pinto Mateus - Representante da Comissão Organizadora

Rui Vieira de Castro - Reitor da Universidade do Minho

10h00

Sessão plenária / Plenary talk - Moderador: Vítor Moura

-

Bernard McGuirk (University of Nottingham)

10h45

On the continuing resistance to critical theory

10h45

-

Pausa para café / Coffee-break

11h30

Painel 1 (Teoria 1) - Moderador: Sérgio Sousa

11h30 José Carlos Seabra Pereira (Universidade de Coimbra)
- **Categorias estilístico-periodológicas como conceitos abertos. (Elaborações teóricas, aplicações, revisões)**

12h30 Eunice Ribeiro (Universidade do Minho)
Melancolia a Ocidente: a geopoética literária de Vítor Aguiar e Silva

12h30
- **Almoço / Lunch**

14h30

Painel 2 (Teoria 2) - Moderadora: Rita Patrício

14h30 Tomás Albaladejo (Universidade Autónoma de Madrid)
- **Vítor Manuel de Aguiar e Silva y la obra literaria**

16h00 Ana Gabriela Macedo (Universidade do Minho)
Os Estudos Feministas revisitados...Re-visões e re-significações da História. Adriana Varejão e Paula Rego em 'diálogo corporificado e explosivo'

16h00
- **Pausa para café / Coffee-break**

16.30h

Painel 3 (Modernismo 1) - Moderadora: Isabel Cristina Pinto Mateus

16h30 Rosa Goulart (Universidade dos Açores)
- **Modernidade e géneros literários**

17h30 Rita Patrício (Universidade de Lisboa)
Príncipes e impostores: Régio e a constituição da categoria periodológica de modernismo

17h30 Apresentação do volume Sena Hoje. No centenário do nascimento de Jorge de Sena, por
- Ana Ribeiro e Rita Patrício
18h00

20h30 Jantar / Conference Dinner

24 de novembro (sexta-feira) / 24th November (Friday)

Anfiteatro A1 – Edifício 1

Painel 4 (Modernismo 2) - Moderadora: Ana Ribeiro

Dario Villanueva (Universidade de Santiago de Compostela)

El retorno a la Literatura

9h30

–

Maria João Reynaud (Universidade do Porto)

11h00

“De Senectute” ou o elogio da velhice na poesia de Fernando Echevarría

Cândido de Oliveira Martins (Universidade Católica Portuguesa)

Mecanismos do humor surrealizante na micro-ficção de Mário-Henrique Leiria

11h00

-

Pausa para café / Coffee-break

11h30

Painel 5 (Políticas de Língua e Ensino da Literatura) - Moderador: Álvaro Iriarte

Carlos Reis (Universidade de Coimbra)

Em torno da política de língua: falácias e desilusões

11h30

-

José Augusto Cardoso Bernardes (Universidade de Coimbra)

O Ensino da Literatura e as teses de Aguiar e Silva

13h00

Elias Torres Feijó (Universidade de Santiago de Compostela)

Propostas de inclusão e vertebração para um intersistema de língua portuguesa. Língua, literatura e cultura com conversas com o Prof. Aguiar e Silva em pano de fundo

13h00

-

Almoço / Lunch

14h30

14h30

–

Testemunhos: Lídia Jorge e João Barrento. (Prémios Literários Vida Literária Vítor Aguiar e Silva— APE/CMB)

15h00

Painel 6 (Estudos Camonianos e do Maneirismo e Barroco) - Moderadora: Micaela Ramon

Zulmira Coelho Santos (Universidade do Porto)

15h00

–

Sobre a centralidade da figura de D. Sebastião em “Os Lusíadas”

17h00

Maria do Céu Fraga (Universidade dos Açores)

Fronteiras Literárias: as epístolas poéticas de Camões

Isabel Almeida (Universidade de Lisboa)

Labirintos e fascínios: a literatura barroca na obra de Vítor Aguiar e Silva

António Carlos Cortez (Universidade do Minho)

Camões, duas visões, dois labirintos: Vítor Manuel Aguiar e Silva e Fiama Hasse Pais Brandão—heterodoxias.

17h00 Coffee-break e encerramento dos trabalhos

25 de novembro (sábado) / 25th November (Saturday)

Salão Nobre da Reitoria

10h30 Sessão plenária / Plenary talk - Moderador: Carlos Mendes de Sousa

- Helena Carvalhão Buescu (Universidade de Lisboa)

11h30 **A épica. Escritas, reescritas e transformações.**

11h30

- Pausa para café / Coffee-break

12h00

12h00 Entrega do Prémio Camões

Resumos e Notas Biográficas

Ana Gabriela Macedo

Professora Catedrática da Universidade do Minho. Doutorada em Literatura Inglesa (Sussex Univ., UK). Coord. do Programa Doutoral “Modernidades Comparadas. Literaturas, Artes e Culturas”. Coord. grupo de pesquisa “Género, Artes e Estudos Pós-Coloniais” (CEHUM). Áreas de Investigação: Literatura Comparada, Modernismo, Estudos Feministas, Poéticas Visuais. Projecto em curso (FCT): Mulheres, artes e ditadura - os casos de Portugal, Brasil e países africanos de língua portuguesa. (Seleção Publ.): Dicionário da Crítica Feminista (org. AGMacedo e AL Amaral, 2005); Narrando o Pós-moderno: Reescritas, Re-visões, Adaptações (2008); Paula Rego e o Poder da Visão (2010); Estudos Comparatistas e Cosmopolitismo. Pós-colonialidade, Tradução, Arte e Género (org.), (2018); Mulheres, Artes e Ditadura. Diálogos Interartísticos e Narrativas da Memória. Orgs. AGMacedo, M. Oliveira, M. E. Pereira, J. Passos, L. Natalino. Braga: Húmus/Cehum, 2022.

Os Estudos Feministas revisitados’...Re-visões e re-significações da História. Adriana Varejão e Paula Rego em ‘diálogo corporificado e explosivo

Revisitaremos nesta comunicação uma exposição que teve lugar no Rio de Janeiro, Brasil, em 2017, colocando em diálogo a obra da pintora brasileira Adriana Varejão, e a obra de Paula Rego, a quem a primeira chamou ‘mestra’. O nosso objectivo é estabelecer um diálogo entre a obra da artista brasileira Adriana Varejão e a artista portuguesa Paula Rego, à luz do ‘encontro colonial’ de duas poéticas visuais que se cruzam e se interrogam mutuamente, expondo e confrontando a sua re-visão da História. Três eixos temáticos serão focados: 1- o fascínio de ambas por narrativas (literárias, históricas, míticas, antropológicas); 2- a exposição e denúncia da violência (social, política, de género); 3- o diálogo entre a estética barroca, o grotesco e a paródia como forma de denúncia quer do ‘trauma colonial’, quer da misoginia, do secretismo e da censura ideológica.

Palavras-chave: Estudos Feministas; re-visão; reescrita; narrativas da memória

António Carlos Cortez

Poeta, professor, ensaísta. Investigador do CEHUM.

Publicou desde 1999 cerca de 15 livros de poesia, 3 reuniões de ensaio e um romance. Destacam-se da sua produção títulos como *A Sombra no Limite – 53 sonetos* (Gótica, 2004), *Depois de Dezembro* (Licorne, 2010, Prémio SPA, 2011); *O Nome Negro* (Relógio d'Água, 2013) *A Dor Concreta – antologia pessoal 1999-2015* (Tinta-da-China, Prémio APE – Teixeira de Pascoaes, 2018; *Jaguar* (Dom Quixote, Lisboa, 2019 – Prémio de Poesia Ruy Belo, 2020; Prémio Nacional António Gedeão/ Fenprof, 2021) e *Diamante* (Dom Quixote, Lisboa, 2021 – Prémio APE/ Maria Amália Vaz de Carvalho, 2022).

Publicou em 2018 a colectânea de ensaios *Voltar a Ler* (Gradiva, 2018), sobre ensaístas portugueses e a poesia portuguesa moderna e contemporânea; em 2020 *Poética Dicção – 16 Poetas Brasileiros* (Gato Bravo, Lisboa/ Rio de Janeiro, 2020), *Crítica Crónica – sobre educação e política* (Guerra & Paz, Lisboa, 2021) e, já em 2023, no Rio de Janeiro, *Uma Certa Poesia – poesia portuguesa para ler nos trópicos*. Em 2022 publicou o seu primeiro romance, *Um Dia Lusitana* (Editorial Caminho). No prelo tem um livro de contos – *Cenas Portuguesas* (Editorial Caminho) – e um de poesia, *Condor*.

Escreve regularmente para o *Jornal de Letras*, onde assina a coluna de crítica literária “Palavra de Poesia” e para o *Diário de Notícias*, onde mensalmente escreve sobre temas de educação e cultura.

Camões, duas visões, dois labirintos: Vítor Manuel Aguiar e Silva e Fiama Hasse Pais Brandão—heterodoxias.

Partindo de dois ensaios – um de Vítor Manuel de Aguiar e Silva (1939-2022) e um outro de Fiama Hasse Pais Brandão (1938-2007) – intitulados “Um Camões bem diferente” (Silva, 1978), mais tarde inserto em *Camões: Labirintos e Fascínios* (Cotovia, Lisboa, 1994) e “A Ilha do Amor” (Brandão, 1980), publicado, conjuntamente com outros estudos, em *O Labirinto Camoniano e Outros Labirintos* (Teorema, Lisboa, 1985, 2ª ed.2007) -, pretende-se, por um lado, defender uma leitura filológica de Camões, contra toda a sorte de impressionismos e hipóteses biografistas (a tese de Aguiar e Silva) e, por outro lado, colocar como hipótese de trabalho a heterodoxa leitura do Canto IX da épica de Camões. Se para Aguiar e Silva não devemos partir de suposições biográficas para a análise do texto camoniano, já em Fiama, propõe-se uma abertura hermenêutica que convalide a intersecção entre os dez cantos d’Os Lusitanas e o conceito de Schehiná, metáfora feminina de Deus, “símbolo da eterna feminilidade” (Brandão, 1985:104). A análise de lexemas de significado heterodoxo/ esotérico, nesse canto, a eventual presença da Cabala Judaica e do pensamento dos Fiéis do Amor na visão de mundo de Camões, eis a outra heterodoxia que nesta comunicação procuraremos reavaliar.

Palavras-chave: Camões; Fiama Hasse Pais Brandão; cabala; classicismo/modernismo, teoria.

Bernard McGuirk

MA (Glasgow), BPhil, DPhil (Oxon), Emeritus Professor of Romance Literatures and Literary Theory, formerly Director of the Postgraduate School of Critical Theory and Cultural Studies, recipient of the Inaugural Lord Dearing Award for Distinction in Learning and Teaching, University of Nottingham, where he founded the study of Portuguese and Brazilian Studies in 1980. From 1996 to 1998 he was President of the Association of Hispanists of Great Britain and Ireland, in which period he organized, with Vítor Manuel Aguiar e Silva, the first and only Portugal-based international conference of the Association at the Universidade do Minho. He proffered the official University of Nottingham *Doctor Honoris Causa* addresses to Eugénio Lisboa, Sebastião Salgado, and Jose Saramago. In 2002 he was created Commander of the Order of Merit by President Jorge Sampaio in recognition of his contribution to international Lusophone Studies. His major monographs, edited and co-edited books include: *Latin American Literature: Symptoms, Risks and Strategies of Post-structuralist Criticism*, *Poesia de Guerra*, *Gabriel García Márquez: New Readings*, *Three Persons on One: A Centenary Tribute to Fernando Pessoa*, *¿Qué es el modernismo? Nuevas Lecturas*, *Redirections in Critical Theory*, *Inequality and Theory in Hispanic and Latin American Cultures*, *Brazil and the Discovery of America: Narrative, Fiction, History 1492-1992*, *Haroldo de Campos in Conversation: In Memoriam 1929-2003*, *Landless Voices in Poetry and Song. The Movimento dos Sem Terra of Brazil*. In the Lusophone field, he has published on Pessoa, Almada Negreiros, Sá de Carneiro, Haroldo de Campos, poets of the 1922 *Semana de Arte Moderna*, Frei Beto, Chico Buarque, Guimarães Rosa, Agualusa, and Tabucchi. He founded and is general editor of the series *Pessoa Studies*. His latest monographs are *Erasing Fernando Pessoa* (2017), *Latin American Literature and Post-structuralism* (2018) and *Is There a Latin American Text in This Class?* (2021).

On the continuing resistance to critical theory

Marking 25 years since Vítor Manuel Pires de Aguiar e Silva presided over the closing plenary of the 1998 Association of Hispanists of Great Britain and Ireland international conference, Raizes, Rotas, Reflexões, hosted at the generous invitation of the Universidade do Minho, now as then, a spectre haunts memory. Memories of revolutions, historical and theoretical. Teoria da Literatura had promised, revisited and updated, ever alive to shifting epistemologies and pedagogical demands, inspired constructions both literal and metaphorical: the Centro de Estudos Humanísticos, and international resonances, a borderless hospitality witnessed and re-lived today. Inheritors all, we remain alert to revisionisms, resistances, accusations, neglectful pragmatisms that would deprive the humanities of their foundational societal role. “The time is out of joint...”, always and ever. Is it to be, or not to be, Es spukt?

Knowledge progresses through elaboration, discussion, validation of new theories – not through idolatry of the new but through irrevocable insistence on rationality itself [...]. The awareness that there are no definitive, immutably “true” theories ought to be the basic epistemological assumption in all university teaching.

Vítor Manuel Pires de Aguiar e Silva

Mar[x] remains an immigrant chez nous [...]

between earth and sky.

Jacques Derrida

Key-Words: Spectres; hauntings; revolutions; revisionisms

Cândido Oliveira Martins

Professor Associado da Universidade Católica Portuguesa, na área da Literatura Portuguesa (moderna e contemporânea), Teoria da Literatura e Literatura Comparada. Investigador (membro integrado) do Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos (CEFH). Além de artigos em revistas da especialidade, tem publicados alguns livros, colaborado em volumes colectivos, bem como organizado alguns volumes temáticos (livros e revistas).

Entre as publicações mais recentes: co-org. da edição, em curso de publicação, da obra literária completa, em 7 vols., da escritora Maria Ondina Braga (IN-CM), com 2 volumes já publicados; coedição do volume coletivo *Masks and Human Connections: Disruptive Meanings and Cultural Challenges* (Palgrave Macmillan / Springer, 2023); coedição do volume coletivo *The Power of Image in the Word* de Lídia Jorge (Peter Lang, 2023).

Mecanismos do humor surrealizante na micro-narrativa de Mário-Henrique Leiria

Mário-Henrique Leiria (1923-1980) esteve ligado ao Surrealismo português, de forma assumidamente heterodoxa. É autor de uma obra literária extensa, recentemente reeditada com bastantes inéditos (com coordenação de Tania Martuschelli), abrangendo uma escrita que se estende da narrativa à poesia, dos manifestos à obra gráfica.

A modernidade surrealizante de Mário-Henrique Leiria manifesta-se especialmente na obra ficcional, em particular na micro-narrativa. Neste domínio é possível rastrear um variado conjunto de procedimentos lúdicos, cómicos e paródicos, compondo uma poética do humor na sua obra de "Ficção" (Lisboa, 2007).

Palavras-chave: Mário-Henrique Leiria, micro-narrativa, humor, paródia.

Carlos Reis

É professor catedrático jubilado da Universidade de Coimbra. Autor de mais de trinta livros (último em data de publicação: Dicionário de Estudos Narrativos, 2018), vários deles publicados fora de Portugal, em Espanha, Itália, Alemanha, França e Brasil, ensinou, como professor visitante, em universidades de Espanha, dos Estados Unidos e do Brasil. Uma parte da sua investigação foi consagrada a Eça de Queirós, sendo coordenador da respetiva Edição Crítica (20 volumes publicados; edição Imprensa Nacional). Coordenou a História Crítica da Literatura Portuguesa (nove volumes; Editorial Verbo).

Foi diretor da Biblioteca Nacional (1998-2002), reitor da Universidade Aberta (2006-2011), presidente da Associação Internacional de Lusitanistas (1999-2000) e da European Association of Distance Teaching Universities (2010-2011). Foi distinguido com os prémios Jacinto do Prado Coelho (1996), Eduardo Lourenço (2019) e Vergílio Ferreira (2020).

Em torno da política de língua: falácias e desilusões

A expressão “política de língua” ganhou relevo nas últimas décadas, em particular desde a constituição da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, em 1996, e, mais remotamente, desde a desagregação do império colonial português. Ao longo dessas décadas, têm-se sucedido iniciativas isoladas e voluntaristas, no sentido da constituição da chamada política de língua, em direta relação com uma, aparentemente também desejada, internacionalização da língua portuguesa. A presente reflexão indaga algumas das razões que explicam, em especial por parte de Portugal, a falência de uma efetiva e consequente política de língua.

Palavras-chave: Prioridades estratégicas, concertação, racionalização, legitimação, formação, modernização.

Darío Villanueva

Licenciado en Filología Románica por la Universidad de Santiago de Compostela (1972) y doctor en Filología Hispánica por la Universidad Autónoma de Madrid (1976). Director de la Real Academia Española entre 2014 y 2018. Al tiempo presidió la Asociación de Academias de la Lengua Española (ASALE) y FUNDEU. Desde 2009 desempeñó la Secretaría de la RAE. Vicepresidente y Presidente del Instituto de España. Presidente de honor de la SELGyC (Sociedad española de literatura general y comparada), es profesor emérito de la Universidad de Santiago de Compostela, de la que fue decano de Filología (1987-1990) y rector (1994 y 2002). Fue Vicepresidente de la Conferencia de Rectores de las Universidades Españolas (CRUE) y presidió la Red de Bibliotecas Universitarias Españolas (REBIUN). En la actualidad es presidente del Patronato de la Universidad Nebrija. En diciembre de 2021 se incorporó como profesor al Colegio Libre de Eméritos.

Ha recibido doctorados honoris causa por catorce universidades de Europa, América y Asia. Miembro nato del Consejo de Estado entre 2015 y 2019. Es correspondiente de la Accademia della Crusca de Florencia y de siete academias de ASALE.

En 2015 publicó junto a César Domínguez y Haun Saussy *Introducing Comparative Literature. New Trends and Applications*, que ha sido traducida al español, árabe, farsi, turco y chino. En 2020 aparecieron en tercera edición sus *Teorías del realismo literario*, cuya traducción inglesa data de 1997, así como sus nuevos libros *El Quijote antes del cine: Filmoliteratura*, y *De los trabajos y los días. Filologías*. Y en 2021 *Morderse la lengua. Corrección política y posverdad*, que recibió el premio al libro del año 2021 concedido por la Fundación Francisco Umbral. Entre 1999 y 2005 coeditó diez tomos de la *Obra completa* (narrativa: novelas, novelas cortas y cuentos) de Emilia Pardo Bazán para la Biblioteca Castro, de la que es director académico. Su último libro, publicado en febrero de 2023, es *Poderes de la palabra. Retórica, política, derecho, literatura, publicidad*.

El retorno a la Literatura

En la entrevista póstuma que Nuccio Ordine le hizo a George Steiner el gran humanista confiesa: «No he entendido el movimiento contra la razón, el gran irracionalismo de la deconstrucción». Precisamente, uno de los resultados del triunfo alcanzado por la “French Theory” en USA fue la desaparición de la Literatura como categoría delimitada y predominante, y el triunfo de los “Cultural Studies”.

No se debe obviar el daño que la Deconstrucción ha infligido a la valoración de la Literatura en las universidades norteamericanas, en contra de lo que había establecido históricamente su modelo de educación liberal, según el cual las letras eran insustituibles para la formación integral de los estudiantes. La Literatura rebosaba sentido, significaba algo, formaba, a través del conocimiento de las obras clásicas, la capacidad de valoración artística de los educandos, a quienes proporcionaba además información sobre asuntos importantes, próximos al meollo de la condición humana.

La Deconstrucción apunta en sentido opuesto: la ausencia de sentido de los textos eminentes que constituyen la Literatura. Exactamente lo contrario a la llamada “hermenéutica positiva” de Friedrich Schleiermacher, que atribuía a lo escrito el significado estricto que había querido darle el escritor. Ciertamente es que el texto significa lo que nosotros proyectamos sobre él, pero este relativismo hermenéutico, que avala

la Fenomenología, está muy lejos de una “hermenéutica negativa”, negadora de la capacidad de transmitir sentido que la Literatura tiene.

Edward Said (2004) en su última obra *Humanism and Democratic Criticism* no tuvo empacho en reconocer que el poscolonialismo, los estudios culturales y otras disciplinas similares acabaron por desviar las humanidades de su objetivo más genuino, esto es, la investigación crítica de los valores, la historia y la libertad, derivando hacia un conjunto de despreocupadas especialidades la mayoría de ellas basadas en la identidad. Por otra parte, estaba convencido de que estas variedades de “deconstructive Derridean readings” terminan “en indecisión (undecidability) e incertidumbre (uncertainty)”. No debe sorprendernos, pues, la única solución que Said propone en su última obra: un retorno al modelo interpretativo filológico que con una base firme había prevalecido en Norteamérica desde la introducción en ella de los estudios humanísticos hace más de 150 años. Estos llamamientos de Said constituyen su legado a modo de testamento. En su libro póstumo propugna, pues, “el retorno a la filología” como camino inexcusable para el fortalecimiento, en nuestro convulso siglo, de una “idea de la cultura humanística como coexistencia y participación”. Para el logro de tal objetivo sigue siendo fundamental la lectura, cuyo ejercicio se puede enseñar y aprender.

Palavras-chave: Deconstrucción, estudios culturales, crisis institucional de la Literatura, lectura, Filología

Elias Torres Feijó

Professor de Literaturas de língua portuguesa e metodologia da análise da literatura e da cultura na Universidade de Santiago de Compostela. Diretor do Grupo Galabra, foi Prémio extraordinário de Doutoramento (1996) com a tese Galiza em Portugal, Portugal na Galiza através das revistas literárias.

Propostas de inclusão e vertebração para um intersistema de língua portuguesa. Língua, literatura e cultura com conversas com o Prof. Aguiar e Silva em pano de fundo

Num quadro conceitual sistémico, o universo de língua portuguesa abrange as pessoas e comunidades utentes do português no mundo, em países de língua oficial portuguesa ou não, o que inclui os centros de estudo e trabalho do português e do universo de língua portuguesa.

Uma coesão maior destes diversos espaços redundará numa maior qualidade de vida e bem-estar das pessoas e comunidades utentes, na medida em que terão acesso a bens e ferramentas, participar no seu fluxo e fazê-lo em condições de crescente igualdade.

Para tal, o âmbito do ensino, em qualquer nível que se considerar, joga um papel fundamental, ao permitir o conhecimento d@ Outr@ e a valorização do próprio num quadro alargado.

Passados quase cinquenta anos da descolonização e independência das últimas colónias portuguesas e no quadro da geopolítica mundial e dos avanços tecnológicos e nas consequências, nem sempre positivas, da globalização, parece ser possível enfrentar e superar alguns daqueles desequilíbrios, em termos de cooperação, rede e entendimento mútuo.

É precisa uma planificação conjunta e dotá-la de instrumentos concretos para conseguir esses objetivos, nesses acesso e fluxo, e nas perspetivas de cada quem em relação à própria comunidade a outras e na sua presença no contexto, relativamente desarticulado, que constitui o mundo de língua portuguesa.

Um apoio logístico no mundo ao ensino do português e das culturas que veicula, uma política da língua fortemente inclusiva, em que o sentido de pertença se imponha ao pretense sentido de correção e que sirva de ponte para outras manifestações linguísticas nacionais; uma política de ensino da literatura e da oratura desprovida do cânone ocidental como mecanismo de imposição e sim de conhecimento dos processos; um conceito de cultura abrangente que ilustre modos de viver e entender a vida, a dotação de matérias e materiais comuns (inclusivos e não uniformadores) e com sentido prático nos diversos âmbitos do ensino podem constituir alguns caminhos a explorar e percorrer.

Palavras-chave: Planificação inclusiva, intersistema, língua portuguesa, literatura, cultura.

Eunice Ribeiro

Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e doutorou-se na Universidade do Minho com a tese *Ver. Escrever – José Régio, o texto iluminado* (2000). É Professora Catedrática nesta Universidade, onde foi presidente do então Instituto de Letras e Ciências Humanas, dirigindo atualmente cursos de mestrado e doutoramento no domínio dos estudos literários. Foi editora da revista *Diacrítica* e é cofundadora e codiretora da *Revista 2i: Estudos de Identidade e Intermedialidade*. As suas principais áreas de interesse centram-se na Literatura Portuguesa moderna e contemporânea e nos Estudos Comparados, Interartísticos e Intermediais, coordenando um Grupo de Investigação em Estudos de Identidade(s) e Intermedialidade(s). As suas publicações mais recentes têm contemplado as teorias e as práticas da representação retratística, assim como casos de diálogo intermedial na literatura portuguesa contemporânea.

Melancolia a Ocidente: a geopoética literária de Vítor Aguiar e Silva

Acompanhando um spatial turn que se fez sentir nos estudos literários sobretudo a partir da segunda metade do século passado, Vítor Aguiar e Silva desenvolve uma noção de geopoética que aplicou à leitura crítica de um conjunto de textos de escritores portugueses modernos e contemporâneos nos quais o ‘sentido de terra’ – em particular, o da terra portuguesa— se torna evidente. Produzidos, na sua maioria, entre finais dos anos 90 e a primeira década do novo milénio, correspondendo a uma fase de maturidade na produção teórico-crítica do seu autor, tais ensaios inscrevem também uma biografia sentimental do homem-crítico, viajando através e com os poetas e os romancistas por um chão matricial, nacional e/ou regional, que observa nas suas pulsações contraditórias e nas suas fábulas identitárias, com uma lucidez desmitologizadora, enquanto sobre ele lança ainda um olhar amorosa e ocidentalmente melancólico.

Palavras-chave: Vítor Aguiar e Silva, geopoética, identidade, melancolia, Portugal.

Helena Buescu

Professora catedrática emérita de Literatura Comparada na Universidade de Lisboa, onde fundou e dirigiu o Centro de Estudos Comparatistas. Colaborou com, ensinou e foi convidada pelas mais prestigiadas Universidades internacionais, nos EUA, na Europa, no Brasil e em Macau. Recebeu vários prémios pela sua obra ensaística. Dirige presentemente o projecto *Literatura-Mundo Comparada em Português*, tendo até à data publicado 6 volumes, pela editora Tinta-da-China. É membro da Academia Europaea e sócia efetiva da Academia das Ciências de Lisboa. Doutora honoris causa pela Univ. Bucareste. Publicou 11 livros como autora, e tem cerca de 200 artigos em revistas nacionais e internacionais. Termina atualmente um livro intitulado *Heranças Imperfeitas*.

A épica. Escritas, reescritas e transformações.

Uma forma de facto inigualável que *Os Lusíadas* têm de refletir a História e de serem eles mesmos História é o modo como representam o marco em função do qual nada do que virá depois deles poderá ignorar que eles ali estão. Para utilizar uma expressão feliz de Manuel Gusmão, aliás comentada por Aguiar e Silva, *Os Lusíadas* são talvez o melhor exemplo, em Portugal, de algo que fica inscrito para que, depois dele, outros não possam deixar de saber que vêm depois dele. Centrar-me-ei na forma como aquilo que a epopeia camoniana faz transita para os séculos seguintes, sofrendo alterações várias que, por isso mesmo, a transportam até ao nosso presente. Isto corresponde à convicção de que um dos modos de inscrição na História consiste não apenas na possibilidade de representar discursivamente o passado, o que muita da literatura conscientemente faz, mas também na capacidade que alguns textos, como *Os Lusíadas*, têm de se manifestarem eles mesmos como objetos trans-históricos, que não acabam de voltar.

Palavras-chave: Memória, poesia épica, sobrevivência

Isabel Almeida

Doutorada em Literatura Portuguesa pela Universidade de Lisboa, com uma tese sobre *Livros portugueses de cavalarias, do Renascimento ao Maneirismo* (1999). Docente da Faculdade de Letras desta Universidade, tem privilegiado, como área de estudo, a Literatura Portuguesa dos séculos XVI e XVII. Integrou a equipa responsável pela edição d' *Os Lusíadas Comentados por D. Marcos de S. Lourenço* (CIEC, 2014). Trabalhos sobre Gil Vicente, Jorge Ferreira de Vasconcelos, Fernão Mendes Pinto, P.º António Vieira ou Camões encontram-se publicados em revistas e volumes coletivos, como o *Dicionário de Luís de Camões* (2011), dirigido por Vítor Aguiar e Silva.

Labirintos e fascínios: a literatura barroca na obra de Vítor Aguiar e Silva

Seguir, na obra de Vítor Aguiar e Silva, o caminho feito no estudo da literatura barroca – desde a tese de doutoramento à *Colheita de Inverno* – permite uma reflexão atenta sobre o trabalho deste Professor: em particular, sobre o modo como nele maturou um conceito periodológico e a leitura de textos de um tempo determinado; em geral, sobre a sua visão do mundo, as suas expectativas em relação à arte e à poesia, o seu entendimento e a sua prática da investigação e do ensino universitários. Podem fascínios salvar quem entra em labirintos? Assim se resume a questão para a qual nesta homenagem buscaremos resposta.

Palavras-chave: Barroco, poesia, labirintos, fascínios.

José Augusto Cardoso Bernardes

É Professor Catedrático na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde rege cadeiras de Literatura Portuguesa do Renascimento, História do Teatro e Ensino da Literatura. Do conjunto dos livros que publicou destacam-se A Literatura e o ensino do português (com Rui Afonso Mateus), 2009, A Oficina de Camões. Apontamentos sobre Os Lusíadas (2022) e A Oficina de Gil Vicente. Apontamentos sobre a Compilação (2023).

O Ensino da Literatura e as teses de Aguiar e Silva

Embora assumida numa fase relativamente tardia do seu percurso, a questão do ensino da literatura viria a ocupar um lugar considerável no pensamento de Vítor Aguiar e Silva. O penúltimo volume que publicou (2010) inclui seis estudos centrados nesta temática. O objetivo da presente comunicação consiste em identificar os traços que melhor posicionam o investigador neste domínio específico, envolvendo pressupostos, críticas e sugestões que continuam válidas.

Palavras-chave: Escola, Ensino da literatura, teoria, cânone, poesia.

José Carlos Seabra Pereira

Doutor pelas Universidades de Poitiers e de Coimbra, Professor da Faculdade Letras de Coimbra e na Universidade Católica; foi Professor Convidado na Universidade Politécnica de Macau. Coordenador científico do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos; Director da revista Estudos (CADC); Director do Secretariado Nacional para a Pastoral da Cultura (Portugal); membro do Conselho Executivo da Fundação Inês de Castro e do Conselho de Patronos da Fundação Arpad Szenes / Vieira da Silva. Tem integrado os júris dos principais prémios literários de Portugal e da CPLP, nomeadamente do Prémio Camões, do Grande Prémio Leya e dos Prémios da Associação Portuguesa de Escritores. Além de outros galardões cívico-culturais, foi distinguido com Prémio D. Dinis (melhor aluno liceal de Coimbra), Prémio Vasco da Gama (melhor aluno na FLUC), Prémio de Ensaio da Associação de Críticos Literários (para a obra Aquilino – a escrita vital, 2014), Prémio de Ensaio da Associação Portuguesa de Escritores (para O Delta Literário de Macau, 2015), Prémio Vida e Obra (MIL/Nova Águia, após a suma As Literaturas em Língua Portuguesa - das origens aos nossos dias, 2019). Figura de referência nos Estudos sobre Camões, Decadentismo, Simbolismo, Neo-Romantismo e Modernismo, é autor de cerca de quinhentas conferências e palestras, de numerosos ensaios e estudos monográficos, de edições críticas ou para-críticas (Obras de Gomes Leal, Raul Brandão, Florbela Espanca, etc.), de centenas de artigos em revistas especializadas e verbetes em enciclopédias, e de mais uma vintena de livros, com destaque para: Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa (1975); Do Fim-de-Século ao Tempo de Orfeu (1979); Autour de la Thématique Politique et de L'Engagement dans la Littérature Portugaise (1982); L'Action Littéraire et l'Oeuvre Poétique de João de Barros (1983); O Neo-Romantismo na Poesia Portuguesa (1999), 2 vols.; vol.VII da História Crítica da Literatura Portuguesa: Do Fim-De-Século ao Modernismo (1995); António Nobre: Projecto e Destino (2000); O Essencial sobre António Nobre (2001); O tempo republicano da literatura portuguesa (2010); Viajar com Florbela Espanca (2021), Viajar com Camões (2023).

Categorias estilístico-periodológicas como conceitos abertos. (Elaborações teóricas, aplicações, revisões)

Os construtos da periodização estético-literária - motivações, concepções, problemas e valências.

Historicidade, singularidade, tipologias.

Perspectiva sistémica das sincronias e da diacronia; dinâmica de emergência, hegemonia e crise na sucessão de paradigmas; estilos de época e megaperíodos - dominantes, fronteiras fluidas, assincronias; quadro de inteligibilidade diassincrónica e potencial de sugestão hermenêutica; fases de autores e constituição estratual de textos.

Palavras-chave: periodologia, historicidade, tipologia, diassincronia, estilos epocais, valência histórico-literária, valência hermenêutica.

Maria do Céu Fraga

É Professora da Universidade dos Açores, onde se doutorou apresentando, com a orientação do Doutor Vítor Aguiar e Silva, a dissertação *Os Géneros Maiores na Poesia Lírica de Camões* (publicado pelo Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos em 2003).

Integra o Centro de Estudos Humanísticos da sua Universidade, de que é atualmente diretora, e o Centro de Literatura Portuguesa (Universidade de Coimbra).

A sua investigação e publicações centram-se nos estudos camonianos e na literatura portuguesa dos séculos XVI e XVII (v.g., poesia lírica, literatura de viagens, Diogo Bernardes, Padre António Vieira, Faria e Sousa, bucolismo), mas alargam-se à literatura açoriana (v.g., Gaspar Frutuoso, Armando Côrtes-Rodrigues, Roberto de Mesquita) e a temas do ensino da literatura. Das suas publicações mais recentes destaca-se *Babel e Sião*. Um manuscrito da *Camoniana* de D. Manuel II.

Fronteiras literárias: as epístolas poéticas de Camões

Situar os autores e os seus versos no mundo literário e histórico-cultural em que se enraizaram é uma preocupação constante dos estudos de Aguiar e Silva. A exigência com que o fez levou-o a redesenhar as fronteiras do tempo de Camões numa obra iluminada pela teoria da literatura, Maneirismo e Barroco na Poesia Lírica Portuguesa, e, com ela, a abrir novos rumos aos estudos camonianos.

Nesta comunicação, sistematizando traços da epístola poética e da sua tradição peninsular e italiana, analisamos algumas composições camonianas que costumam ser caracterizadas pela sua forma, ou seja, pelo uso do terceto e da oitava rima. São poemas que ganham novos significados quando neles se reconhece o género epistolar, em que de facto se enquadram e cujos limites alteram sem que isso implique perda da identidade genérica: Camões respeita, reinterpretando-os, os modelos e a tradição literária, explorando com originalidade as convenções de um género literário de particular importância no século XVI.

Palavras-chave: Epístola poética; género literário; comunidades interliterárias; literatura peninsular; terceto; oitava.

Maria João Reynaud

Professora jubilada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde se doutorou com uma tese sobre as versões de Húmus, de Raul Brandão (1997), autor a quem tem consagrado numerosos trabalhos científicos. Aí lecionou, durante largos anos, Literatura Portuguesa dos séculos XIX e XX, criando o Curso de Doutoramento em Crítica Genética e Crítica Textual, de que foi diretora. A sua vasta produção no campo do ensaio, da crítica e da criação literária encontra-se dispersa por publicações científicas e literárias nacionais e internacionais. É investigadora integrada do CITCEM/FLUP (linha de pesquisa: “Representações Globais e Locais”). Entre os livros de ensaio publicados, destacam-se: *Metamorfoses da Escrita – Húmus de Raul Brandão*, Porto, Campo das Letras, 2000 (Prémio PEN Clube de Ensaio, 2000); *Sentido Literal – Ensaio de Literatura Portuguesa*, Porto, Campo das Letras, 2004; *Matéria Poética – Ensaio de Literatura Portuguesa*, Porto, Campo das Letras, 2008; *Margens – Ensaio de Literatura*, Porto, Edições Afrontamento, 2016 (Prémio Jacinto do Prado Coelho, 2017); *Enigma e Transparência – Sobre a Poesia de Fernando Echevarría*, Porto, Edições Afrontamento, 2019. É ainda autora de várias edições da obra *Húmus* (Raul Brandão, *Húmus*, Edição Crítica de Maria João Reynaud, 3 volumes, *Obras Clássicas da Literatura Portuguesa do Séc. XX*, Porto, Campo das Letras, 2000. Edição apoiada pelo IPLB; Raul Brandão, *Húmus*, *Obras Clássicas da Literatura Portuguesa do Séc. XX*, *Obras Completas*, Vol. X, Edição de Maria João Reynaud, Lisboa, Relógio d’Água Editores, 2015. Edição apoiada pelo IPLB/MC; Raul Brandão, *Húmus*, *Biblioteca Fundamental da Literatura Portuguesa*, Coordenação: Carlos Reis; *Introdução e Nota Bibliográfica*: Maria João Reynaud, *Imprensa Nacional/Casa da Moeda*, dezembro 2021, pp. 7-44).

***De senectute* – ou o elogio da velhice na poesia de Fernando Echevarría**

O tema do envelhecimento, omnipresente na poesia de Fernando Echevarría a partir da década de 90, remete, irrecusavelmente, para a reflexão empreendida por Cícero na obra-prima *De Senectute*, onde se destaca uma visão estoica da velhice. E também para o íntimo conhecimento da «poesia de senectud» de algumas das figuras emblemáticas da Generación del 27. A tonalidade melancólica dos últimos livros do Poeta faz emergir a figura discreta de um sujeito lírico que procuraremos caracterizar à luz da conceptualização empreendida por Vítor Aguiar e Silva.

Palavras-chave: Sujeito lírico; enunciação; abstração; ritmo; figura(s); envelhecimento; melancolia, exílio.

Rita Patrício

Rita Patrício ensina na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e é membro do seu Centro de Estudos Comparatistas. Foi, de 1994 a 2019, docente da Universidade do Minho, onde se doutorou em 2009. Colabora com Grupo de Investigação Poéticas em Língua Portuguesa (CEHUM). Publicou Episódios. Da teorização estética em Fernando Pessoa (2012) e Apontamentos. Pessoa, Nemésio, Drummond (2016); e co-editou com Osvaldo M. Silvestre As Conferências do Cinquentenário da Teoria da Literatura de Vítor Aguiar e Silva (2020). É autora de ensaios, em volumes coletivos e em revistas especializadas, decorrentes dos seus estudos sobre literatura portuguesa moderna e contemporânea.

Príncipes e impostores: Régio e a constituição da categoria periodológica de modernismo

No ensaio “A constituição da categoria periodológica de modernismo na literatura portuguesa”, Vítor Aguiar e Silva assinala o contributo de José Régio nesse processo, afirmando que o autor teria elaborado, nas páginas da Presença, o “modelo cartográfico” do Modernismo português. A presente comunicação pretende rever os termos e os pressupostos com que esse mapa regiano foi instituído, dando particular atenção ao modo como Régio enfrenta criticamente Pessoa.

Palavras-chave: Modernismo, Régio, Pessoa, crítica

Rosa M. Goulart

Professora catedrática (aposentada) da Universidade dos Açores. É licenciada em Filologia Românica pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e doutorada em Literatura Portuguesa pela Universidade dos Açores, com uma tese intitulada Romance lírico. O percurso de Vergílio Ferreira.

Exerceu vários cargos de gestão universitária, entre eles o de diretora do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas, de pró-reitora para a Extensão Cultural e Publicações, de vice-reitora para a Área Académica.

Além de estudos em revistas da especialidade, em atas de congressos e em obras coletivas, publicou em livro: Romance lírico. O percurso de Vergílio Ferreira (Grande Prémio de Ensaio APE/TLP); O Trabalho da Prosa; Artes Poéticas; Literatura e Teoria da Literatura em tempo de crise.

Modernidade e géneros literários

Reportando-nos ao hibridismo genológico praticado pela literatura moderna, e recordando o romance designado «romance-ensaio», largamente cultivado no século passado, será proposta uma reflexão sobre as interferências narrativas no ensaio. Se o diário ou a autobiografia as acolhem naturalmente, a temporalidade narrativa introduz-se noutras modalidades ensaísticas como motivação ou suporte das reflexões apresentadas. Por outro lado, a historiografia, tal como praticada por José Mattoso, apresenta uma vertente ensaística que se inclina para o discurso artístico, essencialmente na sua vertente contemplativa e metafórica.

Palavras-chave: Ensaio, hibridismo, narrativa, reflexão, temporalidade.

Tomás Albaladejo

Hizo el Bachillerato y el Curso de Orientación Universitaria en el Instituto Nacional de Enseñanza Media “Isaac Peral” de Cartagena. Se Licenció en Filosofía y Letras por la Universidad de Murcia. Se doctoró en Letras Modernas por la Universidad de Bolonia siendo colegial becado del Real Colegio de España en Bolonia. Ha sido becario del Deutscher Akademischer Austauschdienst. Ha realizado estancias de investigación en la Universidad de Bielefeld, la Universidad de Bolonia, la Universidad Nacional Autónoma de México y la Universidad Johns Hopkins de Baltimore. Ha sido Professeur Invité en la Universidad de Tours-François Rabelais, Visiting Professor en la Universidad de Nottingham y Visiting Academic en la Universidad de Oxford. Ha sido Ayudante en la Universidad de Málaga y en la Universidad de Murcia, Profesor Titular de Gramática General y Crítica Literaria (Teoría de la Literatura) en la Universidad de Alicante y Catedrático de Teoría de la Literatura en la Universidad de Valladolid. Actualmente es Catedrático de Teoría de la Literatura y Literatura Comparada en la Universidad Autónoma de Madrid, de cuya Facultad de Filosofía y Letras ha sido Decano. Es Profesor Honorario de la Universidad de Nottingham y miembro de su Centre for the Study of Post-Conflict Societies, Profesor Honorario de la Universidad Nacional Mayor de San Marcos de Lima. Es miembro de la Comissão de Aconselhamento del Centro de Estudos Humanísticos de la Universidade do Minho. Su investigación se sitúa en las siguientes líneas: lingüística del texto, teoría del lenguaje literario, pragmática literaria, teoría y crítica de la narrativa, teoría y crítica de la poesía, ficcionalidad, retórica, teoría de la traducción literaria, literatura comparada, análisis del discurso político, literatura ectópica y retórica cultural. Algunas de sus publicaciones: Teoría de los mundos posibles y macroestructura narrativa. Análisis de las novelas cortas de Clarín, Semántica de la narración: la ficción realista, Retórica, “La síntesis de la diversidad. Aspectos de la obra novelística de Carlos Fuentes”, “Espressione dell’autore ed unità comunicative nella struttura sintattica pragmatica dei testi letterari”, “A estrutura comunicativa do discurso de género deliberativo na Instituição oratória de Quintiliano”, “La pluralité communicative comme élément constituant de l’oeuvre littéraire narrative: l’actualité de Mikhaïl Bakhtine”, “Poética de la traducción en el Quijote”, “Utopía en el Quijote. El discurso de la Edad de Oro”, “Argumentar per a convèncer. Retòrica del discurs científic”, “Cultural rhetoric. Foundations and perspectives”, “Analogía, simil y metáfora en un poema de José Saramago”, “European crisis, Fragmentation and cohesion: The contribution of ectopic literature to Europeanness”, “Poética, literatura comparada y análisis interdiscursivo”, “Literatura, literatura comparada, traducción, analogía”.

Vítor Manuel de Aguiar e Silva y la obra literaria

En los planteamientos teórico-literarios del Profesor Aguiar e Silva la obra literaria tiene una posición que se caracteriza por su centralidad en el sistema semiótico literario y en el modelo la comunicación literaria, articulando el conjunto de componentes o elementos que los constituyen. La función de la obra literaria como construcción axial está apoyada en su dimensión textual, desde la que se proyectan y sobre la que confluyen la construcción semántica y las acciones pragmáticas de la creación y la recepción, inherentes a la obra. La intensidad semiótica de los planteamientos teórico-literarios de Vítor Manuel de Aguiar e Silva es inseparable de su focalización en el lenguaje literario y, consiguientemente, en el mensaje con su capacidad de crear imaginariamente su propia realidad. La crítica literaria de Vítor Manuel de Aguiar e Silva y asimismo sus aspectos histórico-literarios mantienen de manera activa y dinámica la posición central de la obra literaria, de su textualidad semióticamente proyectada y de su lenguaje para, con su análisis y explicación, alcanzar el conocimiento de dicha obra, de su creación y de su interpretación. Los estudios de

Vítor Manuel de Aguiar e Silva sobre obras de Luís de Camões, Rosalía de Castro, Fialho de Almeida, Ruy Belo, José Saramago y otros muchos autores mantienen de este modo una coherencia plena con sus propuestas teórico-literarias.

Palabras clave: Aguiar e Silva. Teoría literaria. Crítica literaria. Obra literaria. Texto literario. Lenguaje literario. Sistema semiótico. Comunicación literaria. Metacomunicación.

Zulmira Coelho Santos

Professora Catedrática da Universidade do Porto (Faculdade de Letras). Foi Presidente do Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos (2007-2010), diretora do Ciclo de Estudos «Doutoramento em Literaturas e Culturas Românicas» (2009-14), Coordenadora Científica do Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade (2004-2007), unidade de I&D n.º 24 da FCT, hoje integrado no CITCEM (Centro Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória), membro eleito do Conselho Geral da Universidade do Porto (2009-2013) e presidente da Comissão para a Ciência e Inovação deste mesmo Conselho (2009-2013). Foi, até março de 2017, investigadora responsável do GI «Sociabilidades, práticas e formas do sentimento religioso» do CITCEM. É membro do Comitato científico da Coleção «Scrittura nel Chiostro» das Edizioni Storia e Letteratura (Roma). Integrou a Comissão Científica do programa de doutoramento Erasmus Mundus TEEME (Text and Event in Early Modern Europe" (<http://www.teemeurope.eu/>), e é membro do MOVES - Migration and Modernity: Historical and Cultural Challenges, um European Joint Doctorate do programa Marie Skłodowska-Curie. Doutora em Literatura e Cultura Portuguesas, tem como principal área de investigação a literatura e cultura portuguesas dos sécs XVI-XVIII e muito especialmente a prosa de ficção da Época Moderna, teoria literária (sécs. XVI-XVIII), práticas de escrita das ordens religiosas (sécs XVI-XVIII), história do livro e da leitura (sécs. XVI-XVII).

Sobre a centralidade da figura de D. Sebastião em “Os Lusíadas”

“A presença de D. Sebastião n’ *Os Lusíadas* é avassaladora” (Vitor Aguiar e Silva, *Dicionário de Luís de Camões*, p.129): revisitando as diferentes contribuições de Vitor Aguiar e Silva sobre a “centralidade” de D. Sebastião, esta comunicação pretende avaliar as consequências da afirmação anterior nos estudos camonianos.

Palavras-chave: *Lusíadas*, D. Sebastião, centralidade.
